

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNUO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assignaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

UMA ENCICLICA SOBRE A GUERRA

Benedicto XV lançou enciclica sobre a guerra e acha que parecem chegados os dias do supremo catolicismo anunciado por Cristo. Quem diria, exclamam, que esses homens tão encarnados uns contra os outros são descendentes do mesmo pai e seres participantes da mesma natureza e da mesma sociedade humana?

Mas abaixo vemos que o supremo bonismo romano não considera tampouco irmãos e socios iguais esses filhos do mesmo pai...

As causas da guerra são, na opinião do pontífice, as seguintes: 1.º o esgar da caridade; 2.º o desprezo da autoridade; 3.º o antagonismo das classes; 4.º o desejo desenfreado dos bens temporais.

Pareceria, pois, que o papa, a maneira dos anarquistas, devia pedir a abolição das classes, a comunicação das riquezas, o fim da exploração e tiranização do homem pelo homem. Só assim, com efeito, suprimidas as causas de luta e antagonismo, de eubia e de inveja, poderiam os homens apaziguarem-se e definitivamente e a caridade livremente florir e expandir-se.

Mas não. O magno sacerdote pretende que subsistam as classes — trabalhadores e parasitas, exploradores e explorados, opressores e oprimidos — e roga hipocritamente que o lobo devore com caridade o cordeiro e que o cordeiro se deixe passivamente devorar pelo lobo.

E assim proclama aos crentes ingênuos:

Aqueles a quem a fortuna ou a actividade própria trouxeram abundância de bens, não devem esquecer-se contra eles os proletários e operários assediados pela maldade do pensamento de que, participando da mesma natureza, não se acham entre si na mesma condição que eles. Uma vez imbuídos das teorias mentirosas dos agitadores, ao menor gesto de quem lhes tem o costume de se curvar, instantaneamente dizem o chefe infame da Igreja dos dogmas e das obediências passivas, quem poderia persuadir-se de que da paridade de natureza não deve seguir-se necessariamente que todos os homens devam ter a mesma situação na sociedade, mas que a condição de cada um deve ser a que ele adquiriu com seus talentos quando não é impedido pelas circunstâncias? Assim os ventos afortunados que lutam contra os ricos, como se estes detivessem uma parte dos bens alheios, não pecam somente contra a justiça e a caridade, mas violentam a própria razão, tanto mais que poderiam também, com honesta concorrência no trabalho, alcançar uma condição melhor, se assim quisessem.

Um velho filósofo, bem inspirado, disse um dia, aliás sem grande esforço de observação nem de inteligência, que um homem de coração e de espírito só por acaso pode enriquecer. E' uma verdade banal e palpável, conhecida até pelos não-filósofos. A miséria e a ignorância andam estreitamente aliadas; e quanto mais longo, pesado e fastidioso é um trabalho, mais mal remunerado é, mais miserável e ignorante é quem o desempenha e menos probabilidade tem este e os filhos de sair da sua condição. E' assim que a riqueza é fruto da «actividade própria».

E' mais fácil ganhar o segundo milhão do que o primeiro milhão, diz com acerto a sabedoria das nações. Os que enriquecem a valer, ou o devem à herança (a fortuna, diz o papa, com linguagem vaga ou mitológica...) do mesmo modo que os reis herdaram a coroa, sejam embora miseráveis abortos físicos, morais ou intelectuais, — ou o devam ao trabalho... dos outros, na razão directa do número de salaridos ou escravos modernos às suas ordens.

A Igreja, hoje como sempre, defende a escravatura e finge

ignorar ou encobrir que uma das injustiças sociais consiste precisamente em não poder cada um, na sociedade actual, desenvolver as suas faculdades e aptidões, dar aplicação aos seus talentos. A desigualdade não está na diferença de situação, mas no «ponho de paridade», nos meios e condições de desenvolvimento e de vida.

Verdade seja que o pontífice romano fize em circunstâncias que impedem os homens de adquirir a condição adequada aos seus talentos... Ora as tais circunstâncias resultam precisamente do facto de edeterem os ricos uma parte dos bens alheios, ou antes, os meios de produzir o facto de por regular a produção em seu proveito exclusivo; do facto de obstar ao desenvolvimento e aplicação completa daqueles meios produtivos.

Se a riqueza universal fosse de todos e administrada por conta e em proveito de todos, se a produção fosse regulada, não pela ganância duma minoria interessada na raridade do produto e na elevação dos preços, mas pelas necessidades reais de todos, não veríamos terras incultas, nem braços desocupados, nem máquinas inactivas, nem fábricas cerradas, nem matérias primas e materiais de construção inaplicados, nem produtos sem saída ou destruídos, enquanto os pobres pedem trabalho e carecem de tudo — pão, vestuário e abrigo com suficiência.

Se assim não é, como explicita tu, santíssimo padre, esses absurdos e contradições da economia capitalista?

O santíssimo bonzo não explica coisa alguma. Apenas diz estas profundas palavras: «Não precisamos de repetir aqui os argumentos que refulsam com evidência os erros dos socialistas e outros do mesmo género».

Como há-de, porém, o pobre homem lutar o socialismo, se ele não sabe o que isso seja? Este grande doutor da Igreja mercia ficar repellido no mais simples exame de economia política, se aos examinadores fosse dizer o que impinge aos pobres de espírito que o escutam: «Oprimidos e desolados das condições e portanto das classes é coisa irrealizável, exactamente como o corpo vivo é impossível que os membros tenham todos a mesma função e igual dignidade».

Mas quem diabos pretende que os homens desempenhem todos a mesma função? Igualdade de condições significa: os meios de que dispõe a sociedade empregados em facultar a cada um o desenvolvimento e livre aplicação das suas capacidades próprias, em proporcionar a cada membro do organismo os elementos de que ele necessita para o seu regular, contínuo e equilibrado funcionamento — exactamente como um corpo vivo... Significa a supressão das funções inúteis e parasitárias e o dever para cada um de pagar a sua cota de trabalho manual, com o direito de consagrar à cultura do espírito e do corpo, ao progresso da arte e da ciência, às largas horas de ócio, proporcionadas pela mecânica bem aplicada, pelo esforço solidário de todos os adultos válidos e por uma justa divisão de trabalho. Significa, santíssimo pápua, a equivalência das funções, igualmente necessárias à manutenção do organismo social.

E' só assim, com a igualdade de facto, não com vãos e hipócritas apelos à caridade, teríamos as lutas dolorosas provocadas pela divisão em classes e as hediondas carnicarias origi-

nadas pela concorrência entre as cartas financeiras, com o apoio dos seus servidores, os Estados.

LISBOA, 13 DE DEZEMBRO DE 1914.

Reno Vasco.

DE PARIS

FILOSOFIA SOB

A METRALHA

A NOSSA FÉ E A DELES

E' forçoso combater. Mas combater não implica necessariamente entrenchear-se: os homens debaixo do chibão e «egípticos mutuamente de grandezas. Há mil razões de combater e muitas formas de luta.

Quando já não combatemos para defender a nossa dignidade e o nosso solo, reconhecemos a combater para conquistar o nosso bem-estar e a equitativa repartição das nossas riquezas. E quando isso estiver feito, combateremos ainda por uma multidão de coisas que nos hão de filtar, por uma modificação do contrato social por uma base de indústria ou de ciência, por um ponto de direito ou de moral, por uma opinião.

Um dia virá em que havemos de lutar por objectivos que hoje nem sequer poderíamos conceber, por infinitamente pequenos — que serão então grandes preocupações.

Combateremos sempre. O homem é um eterno guerreiro. Um eterno guerreiro e um eterno crente.

Boa gente, sem dúvida, mas um pouco simplório, os materialistas que nos ensinavam que o homem já não cre porque já não tem medo e porque sabe. Nunca sabremos tudo e nunca estaremos completamente tranquilos; haremos, pois, de crer sempre. Quem não crê val a pena? Mas todos crêm; e os que imaginam que não crêm, crêm assim mesmo. O objecto, porém, da nossa fé muda e renova-se no decorrer das idades. A principal procuramos o divino fora do seu destino. E a comunidade de cada vez o vamos achando mais no próprio homem.

E não é só na ciência, nem só na democracia que nós cremos, como amide se diz para logo se mostrar, maliciosamente, que a nossa religião é incompleta: é em nós mesmos, no homem com todas as suas forças, todos os seus valores, todos os seus poderes. E' na Humanidade, na sociedade humana, na comunidade dos homens caminhando segundo a sua lei para o seu destino. E a comunidade dos homens não cessa porque os homens se desconhecem, insultam e trucidam entre si.

Sim, como tudo, a fé evolui. E as antigas fés, as fés que não se renovavam, já não são fés; são solidas, já não são verdades fés. São fés de superstição e de parádoxia, de interesse, astúcia e exploração: são crenças incredulas.

O sr. Maurras só politicamente é que é católico. Vai a missa no interesse de seu partido. E supunho que muitos outros do seu partido fazem como ele. Os nossos bonitos senhores, de acção francesa não se importam de que sejam verdadeiros homens, ardentes e apaixonados, activos e completos, crentes e combatentes da hora que decorre.

O que eles querem, pelo contrario, é manter-nos nas antigas lutas e nas antigas fés, sob os pardieiros do passado. E' contrariar-nos na caserna, reconduzir-nos à Igreja; por um circo em nossa mão, uma com-

pressa de agua benta em nossas feridas; fazer dos nossos rapazes pupilos da tropa e meninos de ócio.

Pretendem que isso já começou, que o Exército e a Igreja remodelaram e remodelaram a alma dos nossos filhos. Parece-me que se enganam e que nesta guerra faremos mais adeptos do que eles.

Numa série de habéis artigos «As lições da guerra» — o sr. Paulo Bourget, académico, su-
plico-nos que voltamos atrás e cantamos as litanias da Tradição.

Estranhos padres da Tradição! Marat-na, porque a inobilizarmos; não mantemo-la, porque, conservando o que ela contém de vivo, eliminamos dela o que está morto.

O sr. Bourget adjura-nos a voltar à missa e a adorar a Espada; e exclama, patetico: «Para que eles não torcem! Ora, se Eles vierem, a um sinal dos amos é porque eram «milhares» e beatos, isto é, obedientes, ajoelhados, escravos. Se fazes de nós, a nosso turno, beatos, ajoelhados e escravos, para outra vez nós é que iremos a casa deles. Que diferença haverá?

Mas a gente de acção francesa não se prende com a lógica. A' corte desse pobre sr. Bourget, confeccionou uma filosofia combinada de proposito para de antemão absolver, pela graça da Inquisição e do Instinto, o pecado de contradição.

Há só um mal. O cerebro, não sendo tudo, ocupa entre tanto um lugar nas coisas humanas. E o nosso cerebro, que imbecil — sente horror pela contradição.

Paris, 26 de novembro.
Charles Albert.



A reacção clerical

Durante e após as grandes catástrofes — epilepsias, terremotos, erupções de guerra — observa-se em geral uma recrudescência de fé religiosa nas massas. Esse enfraquecimento de espírito atinge mesmo alguns indivíduos que pareciam descrentes de erros e vícios temores: é o contrario.

Os clericais aproveitam a actual guerra para pescar nas aguas turvas e andam cheios de esperança, assim como de actividade. Em França, por exemplo, trabalham ardentemente para o restabelecimento do seu antigo poderio e influencia, ao abrigo da «reconciliação nacional». Pedem a readmissão dos congregacionistas expulsos, o regresso das irmãs de caridade, preces publicas oficiais, o ensino do catecismo nas escolas publicas, a restauração das igrejas destruídas, uma catedral em honra de Joana d'Arc, o restabelecimento das relações diplomáticas com a Santa Sé e outras coisas mais. E o caso é que começam a obter alguma coisa. Depois, no supremo comando do exercito estão disciplinados e criaturas dos jesuitas, e se o exercito sai vitorioso, quem sabe já os soãos que se poderão realizar?... Só Deus No. Senha!

Tudo isto prova como os anticlericais e livres pensadores tem que combater, não só a Igreja, mas a guerra, o militarismo e todas as instituições autoritárias. E ninguém deve desanimar-se de rebeldia e de esforços. Demais, a guerra destrói muitos prestígios e também nos fornece bons argumentos...

A IGREJA DEU O EXEMPLO

Respondendo aos clericais franceses, diz La Bataille Syndicaliste:

Foi preciso chegar o cristianismo, isto é a mentalidade religiosa que pretende constituir hoje a originalidade da França, para que o pensamento grego, luz da civilização, desaparecesse num eclipse que mergulhou esta civilização nas trevas por um milhar de annos. Quando o cristianismo passava ainda com todas as forças do seu apagar sobre a cultura francesa que se formava na arte dos trevadores, dos contistas, dos convertidos de catedrais e empenhados, nos esforços labo-
radores e comuns, já a Alemanha recorria a esta cultura nascente, acoutava e registava os seus primeiros vagidos. A Alemanha não pediu porventura a França medieval a arte gótica das catedrais, inspirada, não pela Igreja, mas pelo Oriente persa, na das eopias e taboas, e não trabalhou com ela no advento da Renascença e da Reforma? Hoje, não foi a Alemanha que maior parte tomou na restauração da literatura dos trevadores e da lingua provincial, outrora alagadas pela Igreja no sangue dos albigenses?

Os alemães, destruidores de Lovania, Reims e Arras, cluniam a sua raça quando pretendem representar a «pura raça alemã»; carregam-se de tartas que não são suas. O seu Kaiser injuria Attila quando dá este nome a um dos seus filhos (Eitel-Attila). Os primeiros germãos não eram destruidores de obras de arte; foi da Igreja, sempre dela, que eles aprenderam este infame hábito de contar as entidades com as palavras que se são e pessoas do clero fossem respeitadas por ocasião das invasões. Não foi o papa Gregório, chamado «Magna», quem, em 560, queimou a biblioteca de Palatino, destruiu os templos e estatuetas que restavam em Roma e expulsou os sábios e proibiu o ensino da gramática? Não foi a Igreja que fez desaparecer quasi todos os livros nos primeiros tempos do seu poderio, que destruiu as densas mil obras gregas de um só exemplar contidas na biblioteca de Pérgamo e que reduziu a literatura grega aos 61 volumes infolios que nos restam hoje? Não foi ela ainda que, no antigo Egipto, inundou as cidades e templos antigos, pulverizou as imagens dos deuses, fez lapidar a divina Hipatia?

Por toda a parte se ouve a Igreja a ruínas e os mortuários. E são os seus partidários, os seus defensores, a gente da Oração e da Acção Francesa, que mais apertadamente censuram hoje aos alemães os seus actos do vandalismo. Hoje, dizem, um alemão não bombardeia o Parlamento e o Parlamento ficou reservado para as grandes tectónicas e porque a Igreja não o pôde alcançar.

Nietzsche ou Biblia?

No escrito em que Gerardo Hauptmann, o autor de Os Tecelões, defendeu os alemães da acusação de barbaria, diz-se que cada soldado do Kaiser leva na mochila ou uma Biblia ou, entre outros, um livro de Nietzsche. E do seu lado, os clericais anglo-franceses dizem que a ferocidade germanica é em parte devida aos ensinamentos do cristão criador de Zarathustra!

Parece, porém, que os guerreiros leitores de Nietzsche não meditam muito esta passagem do Humano, demarado humano: «A doutrina do exercito como meio de defesa deve ser abjurada tão completamente como o ambiguo de conquista. Virá talvez um dia memorável em que uma nação afirmada em guerra e vitoriosa, emitiu pelos seus altos desenvolvimentos de ordem militar e pela intelligencia e acoutada a fazer os mais pesados sacrificios e tais amectos voluntariamente exclamará: «Vamos quebrar as nossas

espadas e destruir todo o sistema militar, cano, fochos e coroa. Trazem-nos indefesos (depois de termos sido os mais fortemente defendidos) por uma elevação de sentimento — tal é o meio de produzir uma paz genuína, que há de sempre assentar em disposições pacíficas. A chamada paz armada que prevalece agora em todos os países é sinal de disposições belicistas, de disposições de quem não confia em si nem no vizinho e, em parte por medo, em parte por odio, recusa depor as armas. Antes percer do que odiar e temer, e antes duas vezes percer do que tornar-se odiado e temido — tal há-de vir a ser um dia a maxima suprema de cada comunidade politica.

Afinal, Nietzsche é bem pouco lido, mesmo na Alemanha. E' formada de bons cristãos e imensa maioria dos combatentes. Se algum influo influo sobre eles, é a Biblia, em que se louva o Deus dos exercitos, a cujas armadas é grato o aroma das matanças.

A religião na sociedade futura (I)

A revolução atacará sobretudo as instituições: nisso se differenciará das revoluções anteriores. — e fóra isso o que lhe dera o seu caracter social. Considera inofensivos os privilegiados, um vez desembragados dos seus privilegios, isto é, tão pouco perigosos como criminosos aos olhos da lei. Arrancados os dentes da peçonha. Ferira o Estado em seus organismos, — e olvidara o papel nefasto do seu pessoal, quando este aceitara entrar nas fileiras do povo, regenerar-se pelo trabalho.

Feriu igualmente a Igreja em suas obras vivas, nos monumentos em que se cristalizava a sua obra de mal e de perversidade. Procedeu-se a respeito dela como a respeito de todas as potenciais do passado: as suas riquezas volutivas foram arrancadas aos seus padres tiveram que se entregar ao trabalho, sendo o seu parasitismo tão incompatível como outro qualquer com a nova organização.

Certo, a Igreja, a Igreja paralisada do seu poder; o regime da separação parecia tê-la enfraquecido. As novas gerações estavam impregnadas de indifferença em materia religiosa. Apesar disso, o povo lembrava-se de ter sido ela a fonte original de todas as servidões, não tendo sido o Estado senão o seu irmão segundo; por isso, não teve a imprudência de a desdenhar.

Houve, porém, entre os revolucionarios duas correntes, não quanto à attitude que convinha observar para com a Igreja como casta privilegiada, posto sobre o qual era unanime o acordo, mas sim quanto ao que se devia fazer dos monumentos culturais.

Uns consideravam as igrejas, as catedrais, como podendo ser utilizadas de diversas maneiras, — quer como salas publicas, quer como museus; lembraram que em 1793 os sans-culottes as transformaram em salões de reunião e mesmo em armazéns de forragem e em cavalariças; acrescentavam que na idade media, época de fervor religioso no entanto, as igrejas serviam para muitos usos: para mercados e salas de espectáculo. Por conseguinte, tanto por utilidade como por sentimento artistico, opinavam pela conservação dos monumentos religiosos.

Contra semelhante tese, elevavam-se outros com vigor, pedindo que se derruíssem sem piedade todos os edificios cultuais. E os que propugnavam a destruição de todos os longos de ser homens de espirito barbaresco; eram pelo contrario dos mais cultivados. Não havia nelles odio algum ao monumento,

